

ORLANDO, Evelyn de Almeida (Org.). *Histórias da educação católica no Brasil e em Portugal*. Curitiba, PR: Appris, 2017.

A obra *Histórias da Educação Católica no Brasil e em Portugal*, organizada pela professora Evelyn de Almeida Orlando, reúne artigos de pesquisadores ligados ao projeto, *Igreja Católica e circulação de saberes pedagógicos: intelectuais, impressos e prática educativas (1916-1970)*. O projeto em questão foi financiado pelo CNPq em 2014 e contou com a participação de pesquisadores de diversas regiões e instituições do Brasil e Portugal e teve como objetivo analisar as ações educativas da Igreja Católica nesses dois países, com especial atenção para as “[...] estratégias de produção e circulação utilizadas para veicular saberes pedagógicos que acabaram por contribuir para a reconfiguração do campo educacional nesses dois países” (ORLANDO, 2017, p. 15) no decorrer dos anos 1916-1970.

A organizadora da obra, Evelyn Orlando (2017) explica a delimitação do marco temporal (1916-1970), segundo ela, esse período está ligado a um momento em que a Igreja Católica estava voltada para sua estruturação na sociedade burguesa, formação de quadros dirigentes e pela Ação Católica, que se estende até o ano de 1970, quando mais uma vez a Igreja se reconfigura e se aproxima dos projetos sociais, principalmente a partir das Conferências de Puebla/México frente à realidade da América Latina (1979).

O objetivo da obra, portanto, é compreender tanto no Brasil quanto em Portugal, aspectos da presença da Igreja Católica na educação e na formação dessas duas sociedades, majoritariamente católicas.

Para tanto, a obra é dividida em duas partes, a primeira, é composta por seis artigos, que colocam em pauta projetos educacionais, veiculados por distintos grupos, tanto no Brasil quanto

em Portugal, que estimularam entre outras coisas, a construção de um projeto de nação e um modelo de sociedade. Tais projetos se deram em locais diferentes, porém, ancoravam-se na ideia de controle do campo intelectual, e concordavam que escola e família desempenhavam um papel primordial para a formação das mentes e das almas desses (ORLANDO, 2017).

Depois de traçar esse panorama da obra, apresento e discuto os textos/artigos que compõem o presente livro.

Compondo a primeira parte do livro, *Intelectuais e projetos educacionais* o texto de Ana Magaldi, *Em nome da família: imprensa católica e debates educacionais brasileiros (anos 1930 e 1950/60)*, realiza uma reflexão acerca das disputas de dois grupos distintos, a saber, de um lado a Escola Nova e de outro, aquele que representava “posições do movimento católico organizado” (MAGALDI, 2017, p. 26), no que diz respeito à maneira de conduzir as políticas educativas dos mesmos, quanto ao papel da escola, Estado e família no cenário educacional. Para realizar esses debates, a autora toma como fontes, periódicos educacionais católicos, em dois momentos que ela considera importantes na educação do país, os anos 1930, e na década de 1950 até o início da década de 1960.

No decorrer do texto a autora chama a atenção para o destaque que foi conferido à família, pela Igreja Católica que em certos momentos defendeu que a escola pública deveria afinar a instrução a partir dos valores das famílias católicas, em outro momento, houve também a defesa para que a escola privada confessional pudesse ser também escolhida pelas famílias, e para tanto, deveria ser subsidiada pelo Estado.

Joaquim Pintassilgo em *O Estado, a Igreja, a Família e a Educação: um debate em contexto autoritário (Portugal, meados do século XX)*, centra suas análises no ensino particular católico,

concernente o papel da Família, da Igreja e do Estado na educação de crianças e jovens portugueses, durante o Estado Novo, período da ditadura salazarista.

Além de problematizar a relação entre Estado e Igreja no período abordado, o autor analisa também os principais argumentos dos debates e ambos os lados, com destaque para o discurso católico, tendo como referência os debates no âmbito da quarta edição das *Semanas Sociais Portuguesas*, voltada ao “Problema da Educação”, que foi realizada em Braga entre os 27 de outubro e 2 de novembro de 1952.

O autor conclui que, em meio aos embates fervorosos em torno dos interesses da Igreja e do Estado, o segundo quase sempre prevaleceu.

Em *Catolicismo, autoritarismo e escola nova: a pedagogia portuguesa durante o estado novo*, Maria Mogarro explora a produção de professores da Escola de Magistério Primário, que por meio de uma gama de escritos, como artigos e livros, escritos durante os cinquenta anos de duração do regime salazarista, expressaram o universo conceitual no que diz respeito à formação de professores. A autora destaca que o campo de produção desses formadores de professores se situava “[...] numa posição dominada e fortemente controlada pelo poder político salazarista” (MOGARRO, 2017, p. 70).

Os textos que a autora analisa, trazem uma leitura conservadora, nacionalista e católica da Escola Ativa ou Escola Nova, princípios que repercutiram também nas produções dos professores.

No texto, *Stella de Faro: uma luz no caminho da restauração*, Peri Mesquita se dedica a analisar o papel desempenhado por Stella de Faro frente à Confederação Católica Feminina e à Liga Eleitoral Católica, destacando sua atuação na luta pelos direitos femininos.

Para a autora, Stella de Faro não foi apenas uma intérprete das diretrizes da igreja, foi também responsável pela restauração da igreja, tendo atuado em diversas áreas, como na educação e política, na lupa pelo voto feminino, pela cultura, além da ação social, tendo criado um curso de assistente social, que serviu de incentivo para criação de outros, dentre outras atividades.

Também analisando a trajetória de uma figura feminina, Evelyn Orlando em *Maria Junqueira Schmidt e os caminhos de uma trajetória intelectual pela palavra impressa*, explora a história dessa escritora de livros voltados para a educação das famílias, que também faziam parte do processo de formação das normalistas do Instituto de Educação do Paraná.

Ao longo do texto, a autora destaca o sucesso das obras de Maria Junqueira que, reconhecida como intelectual por diferentes grupos sociais, transitava livremente na vida pública. Suas obras traziam um projeto educacional que tinha como base a necessidade de articulação entre escola e família na formação dos jovens e por outro lado, defendia a formação dessas famílias de maneira que pudessem dialogar com a instituição escolar, como bem pontua a autora.

É interessante a abordagem que a autora coloca, porque às vezes a impressão que temos quando lemos sobre intelectuais é que esse era um espaço majoritariamente masculino, quando na verdade houve casos como o de Maria Junqueira, de mulheres que atuaram e transitaram nos círculos de intelectuais.

Seguindo a perspectiva do texto anterior e encerrando a primeira parte do livro, Maria José Dantas no capítulo “*Fascínio equatorial*” de Paula Romana: *uma estratégia de circulação e divulgação do carisma da unidade* analisa o artigo “Fascino Equatoriale” escrito por Paula Romana, pseudônimo da educadora e intelectual italiana,

Chiara Lubich, que escreveu a presente obra a partir de suas anotações durante sua viagem ao Brasil, em 1961.

Dantas realça o deslumbramento que Paula Romana teve ao vir ao país pela primeira vez, e se deparar com uma realidade muito diferente da europeia. Como membro do Movimento dos Focolares, Chiara veio ao Brasil, visitou o Recife onde havia iniciado o Movimento em 1959, o objetivo dessa viagem era então, “conhecer um mundo que se mostrava mais interessante do que a penetração nos espaços: o mundo do espírito [...] da generosidade e solidariedade brasileira” (DANTAS, 2017, p.152).

No entanto, no decorrer do texto em nenhum momento a autora se posiciona criticamente sobre os relatos de Paula Romana, que coloca o Brasil como o “exótico”, “terra acolhedora” e etc. Aquelas típicas imagens que os viajantes tinham a respeito do país, ou era “bárbaro”, “selvagem”, “incivilizado” ou então no outro extremo, “acolhedor”, “sempre receptivo” e etc.

A segunda parte do texto reúne cinco artigos em torno da temática *Impressos e práticas educativas*, reúne textos que abordam práticas educativas adotando como fonte privilegiada os impressos.

Abrindo essa parte, Alexandra Lima em *A força da palavra impressa: cartografia de periódicos de instituições católicas de ensino*, no qual a autora realiza um levantamento e analisa periódicos escolares e estudantis de escolas confessionais católicas, bem como explora a produção de estudantes como uma “expressão da comunidade escolar” (LIMA, 2017, p. 163).

No texto *Universalização cultural e modo de doutrinação: dois impressos dos missionários de Nossa Senhora de Salett*, Paula Leonardi e Leticia Mazochi trazem uma análise de duas publicações periódicas da Congregação de Nossa Senhora daSalette no início do século XX. Os

periódicos são *O Bulletin des Missionnaires de la Salette* e o *Mensageiro de Nossa Senhora da Salette*.

O objetivo das análises é explorar semelhanças e diferenças contidas nas publicações no que se refere à missão educativa e evangelizadora da congregação no Brasil e de que modo esses dois impressos auxiliaram no processo de doutrinação.

Cláudia Kluck e Sérgio Junqueira em *Ensino religioso e livro didático: interfaces históricas* realizam uma densa abordagem acerca da história do ensino religioso e história do livro didático no Brasil, enfatizando os diversos significados que o uso do livro didático teve tanto no ensino da religião quanto na disciplina de ensino religioso.

No penúltimo texto que compõe a obra, *Marcas de uma identidade: a união entre catolicismo e educação em uma comunidade étnica italiana/veneta*, Mara Motin explora a criação do Colégio Santo Antônio, em uma comunidade italiana/vêneca, em Colombo no Paraná, enfatizando atuação das Irmãs Passionistas na produção de uma identidade cultural na região, na qual catolicismo e educação caminhavam lado a lado.

E por fim, no texto *Formar professores sob o signo da cruz: ideias e princípios pedagógicos (Portugal, década de 50 do século XX)*, Hélder Henrique analisa a escola particular de formação de professores, Escola Normal Amato Lusitano/ Escola Particular do Magistério Primário de Castelo Branco, que se ancorava no tripé “Estado, Catolicismo e Pedagogia” na formação do professor primário. Procurava formar professores que viessem posteriormente levar aos alunos os ideais pelo Estado.

De maneira geral, os textos apresentam muitas semelhanças em suas abordagens e demonstram como que nesses dois países, Brasil e Portugal, essencialmente católicos, o tripé religião-Estado-família, estiveram ligados. As questões religiosas e a família, moldaram de

certa forma, a atuação do Estado frente em várias frentes. Realizada uma breve discussão sobre os textos que compõe o livro, é importante frisar a relevância que o conjunto da obra apresenta para os estudos na área da História da Educação, especialmente para a educação confessional católica, fica então um convite à leitura aos estudiosos dessas temáticas.

Autora do livro resenhado

GIUSLANE FRANCISCA DA SILVA é
Doutoranda em Educação
pela Universidade do Estado do Rio de
Janeiro